



▲ CONFLITO - Tembés deixam a Livramento, onde estiveram retidos no ano passado pelos colonos

# Colonos se negam a deixar área indígena

Agricultores da colônia Livramento querem ficar nas terras dos Tembés

Cerca de 800 famílias que moram há décadas na reserva indígena do Alto Rio Guamá, onde fundaram a colônia Livramento, decidiram, em assembléia, que não vão deixar a área, como querem os índios das tribos Tembés, Kaapor e Timbira. "Dá pena ter que deixar todas essas benfeitorias aqui", lamenta Sizinando Ribeiro, de 61 anos, que chegou há 36 anos na reserva. Eles afirmam que este ano produziram pouco, porque estavam preocupados com o problema, mas que agora vão trabalhar para "voltar a produzir as 30 mil sacas de farinha que conseguimos ano passado".

A assembléia dos colonos foi realizada na manhã do último sábado e a ela compareceram mais de 1.500 pessoas. Eles escolheram Sizinando, André Máximo Procópio, de 68 anos, e seu filho Osias Procópio para serem os

responsáveis pela divulgação da decisão de permanecer na reserva indígena.

Foram esses mesmos colonos que, em junho de 1996, fizeram reféns cerca de 70 índios Tembés, além de três funcionários da Funai, quando, segundo eles, tiveram suas propriedades e animais atacados pelos índios, que protestavam pela derrubada ilegal de madeira dentro de suas reservas.

Osias disse que muitos dos colonos que moravam na Vila Livramento e tinham sido remanejados há pouco mais de dois meses para a gleba Arapuã-Cimeira já voltaram. "Eles voltaram para Livramento reclamando que lá na Arapuã-Cimeira tem muita malária e a terra é ruim de trabalhar". Já seu pai explicou que, na vila Livramento, "se planta arroz, feijão, milho, banana e se colhe boas safras".

A decisão de permanecer na área ficou mais fortalecida quando a Funai anunciou, segundo os colonos, que eles não iriam receber nenhuma indenização pelas benfeitorias que possuem na vila. "Os que saíram da área também não receberam nada de indenização. Como é que nós vamos deixar tudo o que construímos com sacrifício para pessoas que nem índios são", dispara Procópio, um dos primeiros colonos a ocupar a reserva, por volta de 1958. A maioria dos colonos garante que "se fizerem um exame nesse pessoal, vão descobrir que quase ninguém é índio, mas um bando de caboclos que se meteu com índio e agora se diz dono da área".

As lideranças dos colonos que estão em Belém reivindicam a demarcação de 10 alqueires de terra para cada família que vive dentro da reserva.